

ENTRE A BAHIA E SÃO PAULO: NARRATIVA FEMININA SOBRE MIGRAÇÃO E TRABALHO DOMÉSTICO

BETWEEN BAHIA AND SÃO PAULO: FEMALE NARRATIVE ON MIGRATION AND DOMESTIC WORK

Leilyane Souza Leão¹

RESUMO

Este artigo apresenta a história da vida de uma mulher migrante do nordeste do Brasil, que começou a trabalhar no sertão da Bahia, tornando-se, mais tarde, trabalhadora doméstica na cidade de São Paulo. Sua trajetória, desde cedo marcada pelo contato com atividades domésticas, é apreendida aqui através de sua narrativa que privilegia sua infância na comunidade rural, seu primeiro trabalho ainda na Bahia, as casas nas quais trabalhou em São Paulo e, finalmente, sua jornada na cidade de Sertãozinho (SP), onde ela permanece até hoje, trabalhando em uma usina de álcool.

Palavras-chave: Migração. Empregada doméstica. Trabalho. Família. História de vida.

ABSTRACT

This article presents the life story of a migrant woman from the north-east of de Brazil, who starts working in Bahia and, later, is employed as a domestic worker in the city of São Paulo. Her early career, marked by contact with domestic activities, is apprehended through her narrative that privileges her childhood in the rural community, her first work still in Bahia, the houses for which she worked in São Paulo and, finally, her journey in the town of Sertãozinho where she stays until today, working in an alcohol factory.

Keywords: Migration. Housecleaner. Work. Family. Life story.

1. INTRODUÇÃO

Falei pra minha mãe quando tinha nove anos: quando eu crescer a senhora deixa eu ir pra cidade? Ela falou que podia. (Nelma, em entrevista)

Uma das motivações que me levaram à escrita deste artigo está relacionada ao contato com uma rica bibliografia acerca das biografias, trajetórias e narrativas de vida nas classes populares. Tais leituras provocaram em mim uma profunda inquietação para os estudos dos relatos orais de trabalhadores e migrantes, com suas falas carregadas de expressividade. Não menos importante do que isso é minha própria identificação de origem com as classes trabalhadoras, já que sou filha, sobrinha e vizinha de empregadas domésticas que começaram suas atividades no interior da Bahia, e que migraram para trabalhar durante algum tempo na capital paulista. Tendo conhecido desde cedo os meandros desse universo tão particular às mulheres, veio-me a motivação de ouvir as histórias de vida dessas trabalhadoras. Entre as entrevistas que me foram concedidas, uma em particular me chamou a atenção: a de Nelma². É a partir da história de vida dela que desenvolvo a análise ao longo deste artigo.

A classe trabalhadora, muitas vezes vista como uma unidade, desponta com tamanha complexidade quando estudada, que o pesquisador se sente instigado a desvendar os

¹ Aluna de graduação em Ciências Sociais da UFRRJ e pesquisadora do Núcleo de Antropologia do Trabalho, estudos biográficos e de trajetórias (NuAT), do PPGAS, Museu Nacional, UFRJ.

² Nome fictício atribuído à empregada doméstica que concedeu a entrevista.

diferentes aspectos que a constituem. Nesse sentido, Hoggart (1973), ao se debruçar em estudos sobre o proletariado inglês, descreve várias dimensões importantes das classes trabalhadoras, universo que lhe era particularmente íntimo, já que sua própria origem também era proletária, tendo vivido sua infância nos bairros operários de Leeds. Seu estudo sobre os aspectos do estilo de vida desta classe parte de um conhecimento de “dentro”, privilegiando os aspectos da família, da vizinhança e do bairro. A abordagem destaca as peculiaridades da linguagem e, das vestimentas, além dos costumes e das estratégias de sobrevivência, tais como o hábito do pagamento de mercadorias em pequenas prestações. O autor chama a atenção para as distinções dentro da própria classe proletária, revelando, assim, os pormenores do cotidiano que compõem o estilo de vida dessas populações. Em seu livro, Hoggart dedica especial atenção aos diferentes aspectos das classes trabalhadoras, enfatizando a complexidade desse conjunto que compõe as suas vidas: a família, em especial a mãe e o pai, o bairro, o trabalho, o lazer, os hábitos, medos etc. Tal como esse autor, parto da ideia de que a classe popular é complexa, sendo os seus hábitos e desejos repletos de múltiplos sentidos e dotados de distintas representações.

Nessa perspectiva, privilegio na entrevista realizada os diferentes aspectos da vida de uma empregada doméstica, tais como o trabalho, a família, a relação com a cidade, além da especificidade de ser migrante. Neste contexto, a linguagem ganha especial destaque, uma vez que o migrante vive a dinâmica de buscar a comunicação com seu vocabulário, com sua expressividade e seu sotaque, num ambiente em que imperam outros registros verbais e corporais. A vida que vai tomando forma na nova cidade demanda o estabelecimento de vínculos que devem permitir uma vivência para além do espaço do trabalho; desse modo, o tempo de lazer e os aspectos culturais são de suma importância para a compreensão da dinâmica e organização da vida de uma empregada doméstica imigrante.

A análise que desenvolvo neste artigo parte de uma pesquisa mais vasta sobre o tema, na qual descrevo trajetórias de mulheres provenientes do sertão da Bahia que se empregam como domésticas e se inserem no contexto da imigração no estado de São Paulo, a fim de continuarem trabalhando como empregadas domésticas em condições econômicas mais favoráveis. Busco apreender nessas trajetórias os elementos que permanecem na afetividade dessas mulheres em relação ao seu lugar de origem, bem como ao de destino, e ainda o modo como todo o processo da imigração, somado ao trabalho doméstico remunerado, propicia mudanças na vida pessoal e profissional dessas mulheres.

Minha pesquisa destaca a narrativa de integrantes das classes populares e as dimensões que elas privilegiam nas suas falas. Deve-se observar que o aspecto da migração constitui uma questão central na trajetória dessas mulheres, que partem do seu local de origem para uma cidade grande e lá procuram se adaptar, enfrentando uma série de situações inesperadas ou desconhecidas, tais como a saudade da família, novos hábitos no cotidiano, o impacto da metrópole com seus perigos e possibilidades etc. Os aspectos subjetivos relacionados à migração são importantes também para se compreender não só as motivações que impulsionam essas trabalhadoras aos deslocamentos, como também o que as motiva no retorno ao seu local de origem. Uma contribuição preciosa neste sentido é fornecida por Menezes e Clementino (2015), com a história de vida do migrante Ramiro que sai da Paraíba com destino ao Rio de Janeiro, e depois passa a viver em São Paulo. Passados 66 anos, ele retorna à sua cidade e reencontra sua família depois de muitas décadas. É interessante observar, na história de vida de Ramiro, que os sentidos da ausência apresentados por ele trazem como aspecto central a “saudade da família”, orientando tanto sua permanência no lugar de destino quanto a protelação da volta ao lugar de origem.

Nesta abordagem, torna-se essencial compreender as identidades que são formadas, influenciadas e transformadas nessas mulheres em relação ao trabalho doméstico, e a situação em que se encontram como imigrantes. A esse propósito, deve-se destacar o trabalho de

Fleischer (2002)³ pelo modo com que ela aborda a imagem que as mulheres imigrantes constroem de si e de como essa operação contribui na formação de identidade fora do seu país. É importante salientar aqui, na perspectiva dessa autora, que a percepção que essas mulheres têm do seu trabalho (*housecleaners*) perpassa pela maneira como elas se constroem como migrantes e brasileiras. Dessa maneira, é importante atentar para o modo pelo qual elas se percebem tanto na condição de trabalhadoras domésticas como de migrantes. Ao buscar compreender essas percepções, deve-se considerar a construção de suas identidades no conjunto de suas especificidades: mulheres, migrantes e domésticas. A partir de suas trajetórias, torna-se possível então apreender mais minuciosamente os significados, as expectativas e as frustrações dessas mulheres, que acabam por influenciar a maneira como elas se autopercebem em suas múltiplas identidades.

É importante compreender também a relação que as trabalhadoras domésticas mantêm com suas patroas. Neste sentido, destaca-se a contribuição de Kofes (2001) quando ela analisa a relação das mulheres no ambiente doméstico: empregadas domésticas e patroas. Ambas mulheres no ambiente doméstico, mas com papéis sociais diferentes, pois uma desempenha o papel de patroa, a outra, de trabalhadora doméstica. Em sua análise, Kofes descreve a forma como se dá a construção da “relação de trabalho” entre patroas e empregadas e o modo como essa relação é definida por essas mulheres. A complexidade dos sentidos engendrados nessa situação torna-se mais evidente quando se pensa que o que é familiar para um dos lados é o ambiente de trabalho para o outro lado. Kofes utiliza o lugar do “doméstico”, comum às patroas e às empregadas, para questionar as diferenças e desigualdades vivenciadas no espaço da casa. Assim, tem-se o elemento do gênero compartilhado entre essas mulheres, mas vivenciado de maneiras diferentes devido a diferenças de classe, de comportamentos culturais, de gerações, entre outras. Além de trabalharem nesses espaços, muitas vezes as empregadas também residem ali e compartilham do cotidiano e da intimidade dos seus patrões, numa convivência que pode guardar ambiguidades.

Silveira (2014) demonstra na sua pesquisa justamente a ambiguidade afetiva que perpassa mães e babás, e que, como diz a própria autora, constitui-se numa relação (in)tensa onde o afeto e a intimidade que as crianças e as babás compartilham se misturam com o fato de aquela ser uma relação que envolve remuneração. Esses aspectos dúbios do mundo do trabalho doméstico são indispensáveis para se compreender a complexidade dessas relações tão sensíveis. Velho (2001), por sua vez, considerou as empregadas domésticas como mediadoras, a partir da comunicação que estabelecem entre grupos e categorias sociais distintas, eventualmente atuando mesmo como “agentes de transformação”. Dessa forma, as trabalhadoras domésticas, ao transitarem, de suas próprias casas às casas de seus patrões, transitam entre códigos distintos (hábitos, padrões de comportamento, gostos). Esse processo deve ser considerado, a fim de se compreender essas trocas culturais que integram a bagagem dessas trabalhadoras.

Como foi dito, a análise do presente artigo é baseada na história de vida e na narrativa de uma entrevistada que é mulher, mãe e imigrante, enfrentando em São Paulo os perigos e incertezas da metrópole. Neste sentido, lembro aqui do testemunho de outra mulher, mãe e imigrante, Maria Carolina Jesus, favelada e escritora que fez do seu diário seu melhor amigo, e que em 1960 já havia descrito sua rotina árdua de catadora de papéis e moradora da comunidade de Canindé. Em seu diário, Maria Carolina registrou tanto suas dores quanto observações pontuais sobre a sua vida cotidiana, com reflexões que chamam atenção pela sua expressividade. Sua escrita, considerada fora dos padrões gramaticais, nos permite

³ Soraya Resende Fleischer, em *Passando a América a Limpo* (2002), descreve o trabalho das *housecleaners* (que realizam limpeza doméstica profissional) de imigrantes brasileiras nos Estados Unidos e as relações que são desencadeadas diante da situação de imigrantes e do negócio de *housecleaners*.

vislumbrar, com vivacidade, o cenário e sua rotina transmitida pelas palavras e expressões da autora (JESUS, 1960).

O fato de que minha entrevistada seja também uma emigrante do Nordeste do Brasil me remeteu ainda às memórias de Gregório Bezerra (2011, cap.1), especificamente quando ele descreve de maneira envolvente e comovente as lembranças de sua infância no contexto da vida árdua a que as famílias camponesas estavam submetidas nessa região do país. Será interessante destacar, do mesmo modo, a afetividade que permanece na narrativa da minha entrevistada com relação à sua infância.

Na entrevista que realizei, procurei seguir as considerações de Bertaux (2010, cap.4) em relação à coleta de narrativas de vida. Uma das suas recomendações é a de que o pesquisador não interrompa constantemente o entrevistado, de modo a não atrapalhar a formulação do seu pensamento. Ele destaca pontos relevantes para a coleta de narrativas biográficas, fornecendo pistas preciosas para se exercitar a sensibilidade do pesquisador e sua capacidade de escuta.

2. A HISTÓRIA DE NELMA, UMA IMIGRANTE NORDESTINA

Encontrei Nelma em sua atual residência, na cidade de Sertãozinho, interior de São Paulo. Nosso encontro, que durou cerca de duas horas, teve poucas formalidades. Instalamos na cozinha da sua casa e fomos conversando sobre sua vida, entre goles de um saboroso café, preparado por ela.

Nelma é emigrante de Paramirim, no interior da Bahia, e foi morar e trabalhar na capital paulista aos 19 anos. Depois de algum tempo, já casada, mudou-se para Sertãozinho. Logo nos primeiros momentos da entrevista, pedi a ela que me contasse sobre sua infância, perguntando se já nesse período ajudava nos afazeres de casa.

Ajudava na roça a catar feijão. Melancia era mais legal porque é gostosa [risos]. Ajudava a limpar feijão, debuiar feijão, buscar água, varrer a casa e o terreiro. Dia de sábado, minha mãe ia para a feira e eu e minha irmã ficava limpando a casa (Nelma).

Ao ver estampado um sorriso em seu rosto, percebi que era uma alegria misturada a um sentimento de saudade ao lembrar-se desses afazeres; lidas nas quais ela tinha a companhia de seus irmãos e irmãs – no total somavam nove filhos –, sempre sob os auspícios da mãe. Ela lembra que era difícil a família toda se encontrar, pois muitos tinham emigrado para conseguir trabalho e, assim, na maior parte do tempo, estavam distantes. Conta que conseguiu estudar durante algum tempo em uma escola da localidade: “Tinha uma escola ruim, mas tinha. E eu ia mais pela merenda porque o negócio era feio naquela época... Lá na minha casa ainda tinha requeijão e soro que minha mãe fazia, mas na casa das minhas colegas nem isso tinha.”

Nesse momento, ela faz um relato das dificuldades, remetendo a um drama comum enfrentado principalmente pelos trabalhadores no Nordeste do país: a seca. Enfrentada de diferentes maneiras, a seca é um elemento que amarga a vida do nordestino e com o qual ele tem de lidar, inexoravelmente. Ela prossegue contando que a criação de vacas para produção de leite era uma atividade importante para a família e acabava por apaziguar a fome nos momentos em que a plantação não vingava.

Mais nova entre os irmãos, via suas irmãs mais velhas irem para a cidade trabalharem como empregadas domésticas na casa de outras famílias. Isso despertava nela uma curiosidade em saber como seria trabalhar na casa das pessoas da cidade. Quando Nelma

completou 11 anos, Sônia⁴ chamou-a para morar na sua casa em Paramirim, onde ajudaria nos afazeres domésticos e poderia estudar numa escola um pouco melhor daquela que frequentava na zona rural:

Pela manhã, ajudava a limpar a casa, picava verdura; à tarde, antes de ir para a escola, varria o quintal e dava recados. Quando fiquei mais velha comecei a ajudar a outra menina mais velha que morava lá também a passar roupa. Depois, comecei a encerrar a casa e fazer doces... Nossa! Trabalho escravo! Tive hemorragia duas vezes pelo nariz. Acho que é porque eu ficava varrendo o quintal no sol quente à tarde.

Nelma lembra que não recebia dinheiro por seu trabalho. Sônia lhe dava algum material escolar, alguma roupa em época de festa, mas em geral roupas já usadas por suas filhas. Recorda da zombaria que sofria quando precisava de sapatos, já que seus pés eram grandes. Suas lembranças foram sendo narradas com poucas interferências minhas, de modo que Nelma organizava seu raciocínio e me contava suas memórias cronologicamente. Quando se lembrava de algo que não havia contado e considerava importante, organizava-se mentalmente de modo a inserir tal fato numa ordem sequencial de acontecimentos. Na sua fala, atentava para a lembrança de quando a patroa e sua família foram para Salvador a passeio e a levaram. Mas acrescentou, com uma espécie de raiva branda, que seus patrões a levaram somente para que cozinhasse para eles.

Conta que, aos 18 anos, não aguentava mais trabalhar ali, pois já fazia de tudo na casa e não recebia pagamentos em dinheiro. Estava cansada daquilo. Às vezes, aos sábados (dia de feira na cidade), pedia algum dinheiro ao seu pai com muita vergonha, já que nem sempre ele dispunha de algum para lhe dar. Lembra com expressão resignada que sua patroa, ao vê-la sempre se queixando de não ter dinheiro, arrumou um serviço para ela, na casa de sua irmã. Lá, Nelma fazia faxina duas vezes na semana a troco de uma baixa quantia em dinheiro e de roupas usadas, continuando ainda a trabalhar e a morar na casa de Sônia. Quando era possível, tentava juntar o dinheiro que recebia da faxina, mas muitas vezes sua patroa pedia seu dinheiro emprestado e dificilmente lhe devolvia. Mesmo assim, continuou a guardar e, quando percebeu que tinha uma boa quantia, resolveu depositá-la no banco. Contudo, não sabendo fazer operações bancárias, acabou por pedir ao marido de Sônia que fizesse o depósito. Depois de um tempo, pediu ao seu patrão para retirar o dinheiro. Ele afirmou, no entanto, que com a mudança do cruzeiro para o real o dinheiro havia se perdido. Isso é recordado com certa amargura, pois, quando estava em São Paulo, certa vez contou essa história para algumas pessoas próximas e essas lhe alertaram para a possibilidade de ter sido enganada pelo patrão.

Ao narrar esses episódios da sua vida, Nelma revela uma certa indignação, alterando a voz em alguns momentos e mantendo o olhar distante.

Terminei a oitava série na escola e falei que ninguém me segurava. Eu era bem molecona, vivia sorrindo e fazendo graça. Eu tinha um tio de São Paulo que tava na Bahia na época. Ele era muito legal. Eu ficava jogando umas piadas e pedi ele pra me levar pra São Paulo. Ele disse que me levava. A Sônia não queria que eu fosse, foi atrás da minha irmã para ela me convencer a continuar na casa dela. Eu fui. Tava com 19 anos.

Passa então a contar como foi seu encontro com a cidade de São Paulo:

⁴ Nome fictício da primeira patroa da entrevistada.

Quando falava de ir pra São Paulo a gente achava que ia mudar de vida. Pensava em chegar lá e estudar, ter um trabalho legal. Quando você chega lá é diferente. Todo mundo coloca medo na gente. Era muito difícil pra estudar porque como eu tinha que trabalhar só podia estudar à noite e era muito perigoso. Com isso, acabei não estudando. O trabalho que arrumei foi o de doméstica. Uma prima me indicou uma casa. Fui eu aprender tudo de novo! Porque na Bahia era trabalhoso, mas era simples. Em São Paulo era tudo chique. Essa casa era tipo mansão mesmo. Eu tinha quarto e banheiro de empregada. Todo final de semana eu podia sair. Tinha esse direito. Ia para casa dos meus tios no sábado de manhã e voltava no domingo à noite porque na segunda o trem e o ônibus eram um inferno.

Nelma relata também, com riqueza de detalhes, os conflitos vivenciados na relação de trabalho com sua nova patroa.

Nessa casa que eu trabalhei eu tava quase ficando doente. A mulher era histérica. Louca! Achava que sumia as coisas e suspeitava da gente. Tinha duas faxineiras, mas era eu que tomava a frente de tudo. Não sei se sumia mesmo as coisas ou ela ficava jogando ponto. Ligava pra minha irmã... Eu chorava muito.

Nesse momento da entrevista, ela preparava o jantar. Ainda se emocionava ao falar dessa experiência dolorosa.

Minha irmã falava pra eu tomar cuidado para não entrar em depressão. Eu vivia chorando. Nessa época, eu já tinha um quartinho alugado que eu ficava no final de semana pra ter mais privacidade pra guardar minhas coisas também. Teve um dia que eu tava passando roupa e falei pra ela (patroa) que queria que ela fosse na minha casa. Ela perguntou para quê e eu expliquei que não estava aguentando... Que eu não era de roubar e queria que ela fosse na minha casa para ver se tinha as coisas que ela falava que tinha sumido. Aí ela perguntou porque eu não falei isso antes. Parece que isso foi uma prova pra ela que eu não tava roubando e só acreditou em mim depois que eu falei isso. Ela era boa, me dava as coisa usada e presente novo também, mas depois de um tempo eu pedi as contas e já tinha um outro emprego em vista.

É possível perceber nesta fala de Nelma um sentimento de desonra, de dignidade ferida, a partir do modo como se sentia atingida pelo fato de que sua honestidade era posta em dúvida. Uma situação recorrente nas experiências cotidianas de indivíduos das classes populares. Isso está presente, por exemplo, no relato de Maria Carolina de Jesus (1960, p.17), quando afirma que é na sua condição de catadora de papel que prova como vive.

Outro aspecto interessante na fala de Nelma é a forte presença das relações familiares, especialmente de sua irmã que, sendo mais velha do que ela e vivendo há mais tempo em São Paulo, lhe orientava sobre como lidar com as situações adversas do trabalho. Assim foi também no momento em que ela se encontrava num novo emprego.

Minha irmã me indicou para trabalhar na casa de um casal de médicos que eram parentes dos patrões dela que também eram médicos. Comecei a mostrar os meus dotes culinários para eles gostarem de mim. Só que eu comecei a perceber que o meu patrão tava dando em cima de mim, sabe? A gente sabe quando a coisa não tá confortável. Ele vinha colocando a mão no meu rosto e falava que tinha tratamento para essa minha mancha. Eu tentava desviar. Me sentia muito mal e fiquei com muito medo ao mesmo tempo. Eu

comecei a falar para a minha irmã que eu percebi que o velho tava dando em cima de mim. Eu sempre tive essa repulsa de homem mais velho, acho que é por causa disso também. Até hoje sou assim. Teve uma vez que ele foi no meu quarto e sentou na minha cama tentando conversar comigo e eu fiquei com muito medo. A filha dele viu e ele ficou muito sem graça. Depois de uns dias eu resolvi sair do emprego porque ele tava dando em cima de mim. A mulher dele não entendia o porquê de eu querer sair... A minha vontade era falar que era por causa do marido dela.

Enquanto descrevia essas cenas, Nelma demonstrava certo repúdio e incômodo ao trazer em sua fala essas memórias desagradáveis, que eram partilhadas numa espécie de desabafo. Mas transparecia também o alívio pelo fato de o assédio ter sido contornado com a sua demissão voluntária e por não ter sido ferida tanto em sua moral quanto em sua honra diante da patroa.

Ao falar sobre o seu lazer nessa época, Nelma conta que no sábado ia para o forró com suas primas e se divertia bastante. Tinha o cuidado de sempre sair em grupo porque ainda tinha medo de circular pela cidade grande. No domingo, gostava de dormir o dia inteiro e na segunda-feira voltava a trabalhar. Todo ano, nas férias ou quando saía de um emprego, voltava para a Bahia para rever a família e o namorado, com quem manteve o relacionamento, apesar da distância.

Fui pra Bahia passar as férias e quando voltei pra São Paulo não sabia que estava grávida. Tava desempregada. Arrumei um serviço, mas não podia falar que tava grávida senão a mulher não me pegava pra trabalhar. Trabalhei até com sete meses de gravidez. Fui pra Bahia ganhar o bebê. Minha mãe ajudou muito. Depois que a minha filha já estava com seis meses eu, meu marido e ela fomos para Sertãozinho. Moramos num cômodo de aluguel e depois mudamos para dois cômodos. Coloquei minha filha com um ano e pouco na creche. Aí ficou eu e meu marido trabalhando. Ele, numa usina de álcool e eu, como diarista. Compramos esta casa começada. Gastamos tudo o que eu e ele tínhamos na poupança, vendemos as vacas que tínhamos na Bahia e começou a luta. Trabalhei 12 anos como diarista aqui em Sertãozinho sem registro. Trabalhava duas vezes na semana numa casa e duas na outra, aí completava a semana. Depois fui para a usina que meu marido já trabalhava porque tinha registro. Como doméstica não tinha registro, nem seguro desemprego.

Em seu relato, Nelma evidencia as estratégias adotadas pelo casal para obter melhores condições de vida, mudando da capital para uma cidade menor, ampliando a jornada de trabalho e investindo na compra de uma casa própria. Graças às relações de trabalho do marido, ela consegue ser empregada numa usina de produção de álcool, obtendo assim carteira assinada e direitos de que não dispunha em sua longa trajetória como empregada doméstica. Nesse novo trabalho, inicialmente, Nelma atuava como faxineira da usina, com sua atividade restrita aos espaços dos escritórios. Depois de um tempo, seus patrões começaram a colocá-la para limpar apartamentos que possuíam em Ribeirão Preto, o que ela conta com certo desgosto. Primeiro, por causa do deslocamento que tinha que fazer para chegar ao trabalho e, ainda, pelo fato de não estar sendo cumprido o seu contrato de trabalho, já que ela havia sido contratada para atuar na usina e não fora dela. Passado um tempo, houve uma mudança na função que desempenhava na empresa. Ela passou a trabalhar no refeitório da usina como auxiliar da cozinheira e nessa função se encontra até hoje, já com cinco anos de atividade na empresa.

Interessante observar que, apesar de não trabalhar mais como empregada doméstica, Nelma permanece atuando em funções similares à que desempenhava antes, como limpar e cozinhar. Ao falar de sua condição atual, ela lamenta o fato de que mesmo depois de ter concluído o ensino médio ainda tivesse continuado trabalhando como faxineira. Mas, por outro lado, destaca de forma positiva a experiência de atuar numa empresa que garante seus direitos trabalhistas, tais como 13º salário e férias. Nesse sentido, pode-se lembrar de que o ingresso de Nelma na usina e a mudança de sua rotina como trabalhadora antecede a aprovação da PEC das domésticas, ocorrida em 2013, que assegurou uma série de direitos aos trabalhadores domésticos. Assim, é possível observar que a saída de Nelma do emprego doméstico esteve próxima do período de regularização de direitos para esta categoria, os mesmos enaltecidos por ela no seu emprego atual.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na narrativa de Nelma, nota-se a centralidade da participação da família no seu processo de inserção na capital paulista, assim como no próprio processo de imigração e de permanência no local. Ora são tios, ora primas ou irmãs que são evocados em seu relato. O trabalho constitui o eixo da sua trajetória, com a peculiaridade de que, muitas vezes, ela morava na residência em que desenvolvia sua atividade profissional. A maior parte de sua narrativa descreve também sua disposição para o enfrentamento de desafios e tensões envolvendo situações sensíveis com que se deparava na rotina de empregada doméstica, tais como o assédio moral de uma das patroas ou o assédio sexual de um dos patrões.

Desse modo, a partir da trajetória de migração dessa mulher da zona rural para Paramirim, de Paramirim para São Paulo e, finalmente, de São Paulo para Sertãozinho, pode-se perceber a complexidade da experiência destes deslocamentos e dos sentidos conferidos às ações nesses diferentes contextos. Este artigo não visa apenas à descrição de um exemplo dos múltiplos deslocamentos que integrantes das camadas populares perfazem à procura de melhores condições de vida, mas procura evidenciar, sobretudo, os aspectos criativos que as mulheres que se empregam como domésticas lançam mão para lidar com o distanciamento da família, com a dinâmica da cidade grande e a conseqüente necessidade da reorganização de suas vidas nesse espaço, com novas redes de solidariedade e sociabilidade. Todos esses aspectos formam um conjunto de dimensões importantes na vida de migrantes e trabalhadoras domésticas, sendo imprescindíveis para a compreensão desse tipo de migração – e das particularidades de cada uma.

Assim sendo, deve-se destacar a importância das redes que vão sendo formadas, seja o contato com um familiar distante, com conhecidos migrantes ou ainda com vizinhos, que acabam por se tornar personagens importantes na vida dessas mulheres. Nesse sentido, é importante observar ainda como essas mulheres escapam de situações embaraçosas num contexto tão delicado – que é o caso de trabalhar dentro da casa de outras pessoas –, lidando com o espaço da vida íntima de seus patrões e tendo que manter ali a postura de um ambiente de trabalho.

No estudo de trajetórias, como foi dito, torna-se central a sensibilidade do pesquisador na abordagem e processo das entrevistas, a fim de suscitar a narrativa das trabalhadoras e observar o modo de construção dessas narrativas com todos os seus detalhes e minúcias por elas privilegiadas, os quais remetem a determinados valores e memórias. As palavras e termos utilizados pela interlocutora foram mantidos na construção deste artigo, tendo em vista que a utilização de determinadas palavras, em determinado contexto, detém um profundo significado para quem narra.

Ressalto, por fim, que o caso de Nelma integra uma pesquisa mais vasta, considerando duas perspectivas: mulheres que já trabalhavam como empregadas domésticas na cidade de

Paramirim (BA) e que se deslocaram para São Paulo, a fim de continuarem no mesmo ramo de trabalho; e mulheres que trabalhavam como empregadas domésticas em Paramirim e migraram para São Paulo, mas que por algum motivo retornaram à sua cidade de origem. Neste processo, procuro perceber as particularidades das trajetórias, buscando compreender motivações mais comuns, objetivas e subjetivas, para o deslocamento, o retorno e a permanência ou não na atividade. A trajetória dessas mulheres é perpassada pelos aspectos do trabalho, da família e da migração, ainda que cada qual os conjugue a seu modo, a partir das peculiaridades de sua história.

Nas investigações recentes, deve-se considerar ainda o contexto de regulamentação dos direitos das empregadas domésticas no Brasil através da PEC das domésticas de 2013, que iguala os direitos destas aos de outras categorias profissionais, reconfigurando o trabalho doméstico. Dessa forma, as novas configurações do trabalho doméstico remunerado despontam como algo importante a se observar com relação à trajetória dessas mulheres: o crescimento do número de diaristas, apesar de o número de empregadas mensalistas ainda ser maior. Essas mudanças, como aponta Fraga (2013), revelam tanto uma maior autonomia, quanto um risco crescente que as diaristas assumem ao optarem por uma prestação de serviço que, se por um lado possibilita mais liberdade, por outro mantém o risco da limitação de direitos.

Enviado em 02 de outubro de 2017

Aceito em 14 de novembro de 2017

REFERÊNCIAS

BERTAUX, D. **Narrativas de vida**: a pesquisa e seus métodos. São Paulo/Natal: Paulus/Ed. UFRN, 2010.

BEZERRA, G. **Memórias**. São Paulo: Boitempo, 2011.

FRAGA, A. B. **De empregada a diarista**: as novas configurações do trabalho doméstico remunerado. Rio de Janeiro: Multifoco, 2013.

FLEISHER, S. R. **Passando a América a limpo**: o trabalho de housecleaners brasileiras em Boston, Massachusetts. São Paulo: Annablume, 2002.

HOGGART, R. **As utilizações da cultura**: aspectos da vida cultural da classe trabalhadora. Lisboa: Editorial Presença, 1973.

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

KOFES, S. **Mulher, mulheres**: identidade, diferença e desigualdade na relação entre patroas e empregadas. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

MENEZES, M. A.; CLEMENTINO, J. O. Sessenta anos depois: a narrativa de um migrante sobre ausência e saudades da família. **Comunicação e Inovação**, PPGCOM/USCS v. 16, n. 30, p. 38-54, jan.-abr. 2015.

SILVEIRA, L. M. B. de. **Como se fosse da família**: a relação (in)tensa entre mães e babás. 1. Ed. Rio de Janeiro: E-Papers: FAPERJ, 2014.

Velho, G.; Kuschmir, K. **Mediação, cultura e política**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.